



FÉ E RAZÃO: COMO A RAZÃO PODE EXPLICAR DEUS SEM LEVAR AO CETICISMO

(Faith and reason: how reason can explain God without leading to skepticism)

Rafael Antonio Faraone Dutra

Mestrando em Teologia pela PUC/SP

E-mail: rfdfaraone@gmail.com

José de Souza Paim

Mestrando em Teologia pela PUC/SP

E-mail: jspaim@yahoo.com.br

RESUMO

A sociedade está em constante transformação, ocasionada pela mudança na mentalidade das pessoas que, com o tempo, sentem a necessidade e aprenderão a questionar, desde as coisas mais simples da vida, como também as mais complexas, que antigamente eram impostas e aceitas por todos. Com o tempo, algo que virou objeto de indagação é a fé. Através da razão, são feitas diversas perguntas com o objetivo de desvendar melhor os mistérios da fé. É certo que tais questionamentos produzem evolução e amadurecimento na construção do pensamento, porém até que ponto essa fé é benéfica ou tende a levar a um ceticismo. O tema deste trabalho é fé e razão, visando a explorar até onde é conciliável os dois caminharem juntos, sem que a razão interfira negativamente. Como objetivo, explorar quais os benefícios que a razão trás para a fé e quais os impactos negativos que ela pode produzir, além de definir o que é fé e razão, demonstrando como, ao longo do tempo, a razão passou a fazer parte da sociedade. Como conclusão, procurar demonstrar que razão e fé são duas realidades que não se opõem, mas devem caminhar juntas na busca da verdade. A absolutização da razão pode desencadear um ceticismo que ignora elementos fundamentais da fé. Em contrapartida, o discurso da fé sem a consideração da razão pode produzir práticas religiosas fundamentalistas.

Palavras-chave: Fé; Razão; Deus; Ceticismo; Fundamentalismo.

ABSTRACT

The society is in a constant transformation caused by changes in people's mentality that, as time goes by, feel the necessity and will learn how to question, from the most simple things of life to the most complex ones, which were formerly imposed and accepted by all. With time, something that became an object of investigation is faith. Through reason, several questions are asked with the intention to solve the mysteries of faith. It is certainly true that such questions produce evolution and maturing in the construction of the thinking process, however, to which point is this faith beneficial or has a tendency to lead to a skepticism? The subject of this work is faith and reason, aiming to explore where it is reconcilable that the two may walk together, without reason interfering negatively. As an objective, explore the benefits that reason brings to faith, and which are the negative impacts that it can produce, besides defining what is faith and reason, demonstrating how through time reason started to make part of the society. As a conclusion, we try to show that reason and faith are two realities that are not opposed to each other, but both must walk together in the search of the truth. The absolutization of the reason can lead to a skepticism that ignores basic elements of the faith. In counterpart, the speech of faith without the consideration of reason can produce fundamentalist religious practices.

Keywords: Faith; Reason; God; Skepticism; Fundamentalism



INTRODUÇÃO

Este trabalho consiste em tratar da relação entre fé e razão. Para isso, primeiro deve se considerar tanto a fé como a razão como realidades distintas, isto é, de ordens diferentes de conhecimentos. E depois tratá-las como realidades que formam uma unidade, ou seja, não se opõem. Pelo contrário, uma exige a outra. O fato de distingui-las para uni-las se faz necessário para evitar exageros, tanto na compreensão de uma quanto da outra, como também para evitar a justificativa de atitudes religiosas fundamentalistas ou um discurso racional que tende a desconsiderar Deus, o ser, o sentido da vida e questões de ordem transcendental.

1. FÉ: DESCRIÇÃO DE SUA NATUREZA

No referente à realidade da fé, o dicionário *Vocabulário de Teologia Bíblica*¹ expressa que, mesmo havendo uma variedade tanto a partir do hebraico quanto do grego, na primeira língua duas raízes são dominantes: *aman*, cuja raiz conota a solidez e a certeza; *batah*, segurança e confiança. Já nos LXX², jogando com os termos hebraicos, deram a *aman* o sentido de *pistis*, *pisteuo*, *aletheia* e a Vulgata traduziu por *fides*, *credere*, *veritas*. E no *Dicionário Crítico de Teologia*³ lemos quase que a mesma coisa, aparecendo apenas o acréscimo de que o termo que se traduz por fé ou fidelidade é *emunah* e deriva da mesma raiz do 'mn' e, igualmente como no *Vocabulário de Teologia*⁴, o termo fé vem do grego *pistis* e tem o sentido de persuasão. Para a teologia, a fé antecede a razão. Ela é fruto da Revelação de Deus. Ao entrar em diálogo com o homem, Deus solicita dele um ato de fé, isto é, de confiança e de fidelidade e de entrega. Confiar, entregar-se, acreditar caracterizam a adesão, a entrega livre e total do homem a Deus. Esta é a experiência narrada no livro do Gênesis, na história de Abraão. Em Gn 12,1, Deus disse a Abrão: Sai da tua terra... 12,4: Abrão partiu, como lhe disse Deus. O Senhor chama Abraão, servidor de outros deuses, como bem sublinha a narrativa bíblica, e lhe promete a herança de uma terra. A única garantia de Abraão é a palavra de Deus que lhe é dirigida. Cabe a ele acreditar ou não. Como podemos notar, no entanto, não há ainda um diálogo entre Deus e Abraão; há uma iniciativa de Deus em se revelar a Abraão, seguida de uma ordem de saída, significando um convite à obediência e à escuta. Como afirmou o pontífice Francisco na Encíclica *Lumen Fidei*⁵: *Um posto singular ocupa Abraão, nosso pai na fé. Na sua vida, acontece um fato impressionante: Deus dirige-lhe a Palavra, revela-Se como um Deus que fala e o chama por nome. A fé está ligada à escuta. Abraão faz a primeira experiência de Deus a partir da escuta e dessa realidade ele realiza um ato de fé. O autor bíblico diz que ele saiu. Significa que ele acreditou em Deus. No gesto do patriarca não vemos ainda um elemento de investigação racional, ao menos como compreendemos hoje tal investigação, mas também não podemos afirmar o contrário. Em Gn 12, Deus fala com Abraão e somente em Gn 16 é que podemos ler o primeiro diálogo entre Deus e Abraão. O gesto dele em confiar na Palavra de uma promessa de uma terra faz com que sua fé em Deus*

¹ LÉON-DUFOUR, Xavier. *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1972.

² Referência a Septuaginta, versão grega do original hebraico da Torá.

³ LACOSTE, Jean Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo, Edições Loyola, 2004.

⁴ Idem.

⁵ CNBB/ Carta Encíclica do Papa Francisco. *Lumen Fidei*. Brasília, Edições CNBB, 2013.



seja, antes de tudo, um ato de memória e de esperança. Podemos dizer que é a partir da memória e da esperança que ele começa a elaborar o sentido de sua entrega a Deus.

Na mesma direção do gesto do patriarca está a fé de Moisés. Deus que visitou Abraão, desceu ao Egito e depois entrou em comunicação com Moisés e disse: Eu Sou aquele que é (Êx 3, 14) e ordenou que ele fosse ao Egito para libertar seu povo. E Moisés foi. Vemos aqui outro gesto de confiança e de entrega. Em ambos os casos, a fé antecede a razão, mas não a contradiz. Ela é antes de tudo um vir de Deus ao homem e exige o ir do homem a Deus. É uma iniciativa-dom que se torna uma resposta-acolhimento.

No tocante a isso, Libanio diz que “a fé é uma experiência humana fundamental que se faz entre as pessoas e que se prolonga para as coisas, mistérios e religiões⁶. Crer é a condição de existir num convívio humano”. Ela não é também um ato irracional. Deus, ao se revelar, leva em conta a situação histórica e cultural do homem e inclusive se utiliza de elementos acessíveis à compreensão humana e, sobretudo, de uma Palavra. A Palavra de Deus dirigida ao homem manifesta o sentido de razão da fé e é o suporte ou a garantia de que o homem poderá assentir livremente e gratuitamente a Deus que se revela. Mesmo falando de seu mistério, não fala algo estranho e, por isso, dizemos que a fé não é um ato irracional, mas não é também uma descoberta do intelecto.

2. DEFINIÇÃO FILOSÓFICA DO TERMO RAZÃO

Ao longo de seu pontificado, o Papa Bento XVI defendeu que fé e razão são necessárias para a pessoa humana compreender a realidade e viver corretamente. Em seu famoso discurso de Regensburg, ele sublinhou a necessidade da fé para purificar a razão⁷. Ele também destacou a relevância perene da encíclica do Papa João Paulo II *Fides et Ratio* (Fé e Razão). Essa relação recíproca entre a fé e a razão é um tema constante na história intelectual católica e explica por que a tradição intelectual católica é tão rica, forte e cheia, talvez ao contrário de qualquer outra coisa no mundo. Desde o início, o anúncio do Evangelho se uniu estreitamente às percepções humanas da filosofia grega, e embora tenha havido tensões na tradição, como na famosa pergunta de Tertuliano: "Que tem Atenas a ver com Jerusalém?", em geral a ideia da reciprocidade entre fé e razão tem sido reforçada desde a Idade Patrística em diante.

Chama-se “razão” uma faculdade atribuída ao ser humano e por meio da qual ele se distinguiu dos demais membros da série animal. Essa faculdade é definida usualmente como a capacidade de alcançar conhecimento do universal, ou do universal e necessário, de ascender ao reino das ideias⁸.

2.1 A APROXIMAÇÃO DE FÉ E RAZÃO

⁶ LIBANIO, João Batista. Fé. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, p.12, 2004.

⁷ BENTO XVI, Papa. Fé, razão e universidade: Recordações e reflexões. Aula Magna da Universidade de Regensburg, Terça-feira, 12 de setembro de 2006. Disponível em: <<w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/september/documents/hf_ben-xvi_spe_20060912_university-regensburg.html>> acesso em 26 set. 2015.

⁸ FERRATER MORA, Jose. Dicionário de Filosofia. 2ª ed., São Paulo, Edições Loyola, p. 2455, 2001.



Por vezes, mesmo os crentes têm falado de fé em termos menos do que racional. No entanto, o cristianismo histórico afirma uma relação necessária e adequada entre a fé e a razão. Houve um amplo acordo na história cristã que os dois são realmente compatíveis. A fé cristã é razoável de quatro maneiras distintas. Em primeiro lugar, a fé cristã afirma que há uma fonte objetiva e fundamento para o conhecimento, razão e racionalidade. Essa fonte e fundação são encontradas em um Deus pessoal e racional, que é infinitamente sábio e onisciente. Esse Deus criou o universo para refletir uma ordem coerente, e ele fez o homem à sua imagem (com capacidades racionais) para descobrir que a organização inteligível, lógica e racionalidade são, então, características esperadas na cosmovisão teísta cristã.

Em segundo lugar, reivindicações de verdade cristãs não violam as leis básicas ou princípios de razão. Fé e doutrinas cristãs (por exemplo, a Trindade e a Encarnação), embora muitas vezes transcendam a nossa compreensão humana finita, não são irracionais ou absurdas.

Em terceiro lugar, a própria Bíblia incentiva a obtenção de conhecimento, sabedoria e entendimento (Jó 28,28; Pv 1,7) e promove essas virtudes intelectuais como discernimento, teste e reflexão (At 17,11; Cl 2,8; 1ª Ts 5,21).

Em quarto lugar, as verdades da fé cristã correspondem e são apoiadas por coisas como provas, fatos e razões. A fé bíblica (em grego: *pisteuo*, o verbo "crer", e *pistis*, o substantivo "fé"), como dissemos anteriormente, pode ser definida como a confiança confiante em uma fonte confiável, razoável e viável (Deus ou Cristo).

Fé (ou crença) é um componente necessário de conhecimento e razão, uma vez que uma pessoa deve acreditar em algo, a fim de conhecê-lo. No entanto, a razão pode ser adequadamente utilizada para avaliar, confirmar e reforçar a fé. Fé e razão, portanto, funcionam de forma complementar. Enquanto a razão por si só, à parte da graça especial de Deus, não pode causar fé, o uso da razão é normalmente uma parte de uma pessoa de vir à fé, e serve para apoiar a fé em inúmeras maneiras. Em resumo, a fé é fundamental para raciocinar e a razão pode servir para avaliar ou confirmar a fé.

3. A DISSENSÃO DA FÉ E DA RAZÃO NO ILUMINISMO

O Iluminismo foi, em seu sentido mais amplo, um período da história ocidental em que a Igreja Católica Romana quebrou. Também um grande número de diferentes igrejas protestantes e várias facções católicas romanas, uma classe média crescente, de pessoas de pequenos negócios, começou a buscar os direitos políticos e educação, e as artes começaram a se espalhar para além de uma pequena minoria que era governada pelas aulas de religião.⁹

Na filosofia e teologia, parte do Iluminismo rejeitou a ideia de que a religião – e a crença em Deus – eram pontos *a priori* de partida para o desenvolvimento de um sistema de crenças. *A priori* significa "inata", "base", ou "que vem primeiro - antes da experiência". Os teólogos anteriores, dos tempos medievais, acreditavam que existiam qualidades inatas ou crenças, como a crença em Deus e na existência de uma alma nos humanos, que eram *a*

⁹ ZILLES, Urbano. A Modernidade e a Igreja. Porto Alegre/RS, Edipucrs, p. 16,1993.



priori verdadeiras. Essas crenças *a priori* não precisavam de provas.¹⁰ Elas eram autoevidentes ou evidentes através da fé. No entanto, com o advento do Iluminismo, a completa aceitação *a priori* das verdades religiosas começou a falhar. O aumento do conhecimento científico durante esse período na história deu origem a um aumento do pensamento filosófico, que também se considerava científico. A razão, em vez da revelação, ganhou proeminência como uma forma de filosofar. O tempo do Iluminismo também foi um momento de redescoberta dos filósofos gregos, sendo que a maioria dos quais não começou a filosofar a partir de uma base religiosa de crença.¹¹

4. MUDANÇA DE ÉPOCA E PENSAMENTO

É possível observar que o avanço do conhecimento científico na época da modernidade permitiu uma ascensão da razão sob as demais capacidades humanas, estabelecendo uma nova relação entre o homem e o meio que o envolve, afirmando a incompatibilidade entre fé e razão, ocasionando a separação entre ambas, que seguiram seus próprios caminhos. O racionalismo moderno, tendo como destaque René Descartes, influenciado por seu rigor matemático, questiona espontânea e sistematicamente todos os elementos que compõem a vida dos sentidos, pois, segundo ele, tais elementos frequentemente nos enganam. A única certeza para Descartes é que ele pensa, ainda que tudo o que pensasse fosse falso, destacando o fato de pensar como um objeto do processo de construção do conhecimento.

A pós-modernidade tem como destaque a centralidade da experiência na tarefa de percepção da realidade, pois todo conhecimento nasce de uma relação entre o sujeito, que busca o conhecimento, e o objeto que deve ser conhecido, e a experiência é o meio para esse conhecimento.

4.1. RAZÃO VERSUS EXPERIÊNCIA

Ratzinger defende que fé é obediência ao próprio Deus, e isso pressupõe uma relação viva e vigilante com Deus, e só é possível porque quem obedece é capaz de perceber a Deus. Para que a obediência, no entanto, seja concreta e Deus não seja confundido com as projeções de nossos desejos, o próprio Deus se fez presente através de diversas maneiras, primeiramente através de Sua Palavra.¹² A presente época é marcada pela absolutização da experiência em detrimento da reflexão, em que, em alguns casos, os fiéis são levados a reproduzir as mesmas experiências de seu líder, descartando totalmente a razão. O perigo disso é evidenciado através da rendição ao sentimentalismo e emocionalismo imaturo, depositando confiança em clichês e impaciência com argumentação embasada¹³.

Para Ratzinger¹⁴, o homem contemporâneo está situado na parábola do elefante e dos cegos, a qual diz que certa vez o rei da Índia reuniu em um determinado lugar todos os habitantes cegos da cidade. Depois fez com que um elefante passasse na frente dos presentes. Deixou

¹⁰ OLIVEIRA, Altamar. Compêndio de Teologia e Religião. São Paulo, Clube de Autores, p. 72-73, 2010.

¹¹ POBLACIÓN, Dinah Aguiar [et. al.], Cotia/ SP, Ateliê Editorial, p. 25, 2011.

¹² RATZINGER, Joseph. Ser cristão na era neopagã, Volume I. Campinas/SP, Ecclesiae, p. 11, 2015.

¹³ STOT, John. Crer é também pensar. São Paulo/SP, ABU Editora, p. 14, 2012.

¹⁴ RATZINGER, Joseph. Ser cristão na era neopagã, Volume II. Campinas/SP, Ecclesiae, p. 11, 2015.



que alguns tocassem a cabeça e disse: “Um elefante é assim”. Outros puderam tocar a orelha ou a presa, a tromba, as costas, a pata, o traseiro, os pelos do rabo. Depois disso o rei perguntou a cada um: “Como é um elefante?”. E, segundo a parte que tinham tocado, respondiam: “É como um cesto trançado...”; “é como um vaso”; “é como o cabo de um arado”; “é como um depósito...”; “é como uma pilastra...”; “é como um pilão...”; “é como uma vassoura...”. Então, começam a discutir, gritando: “O elefante é assim”; “não, é assim!”, brigaram uns com os outros, chegando até a trocar socos para o grande divertimento do rei.

Frequentemente esquecemo-nos que, diante do mistério de Deus, somos todos cegos de nascença. Para o pensamento contemporâneo, o cristianismo não está em situação mais favorável do que outras religiões, pois em sua pretensão de querer convencer a todos sobre sua verdade através da experiência vivida, está mais para fanatismo. Dessa forma, é possível identificar em diversos cenários religiosos cristãos que a experiência é tida como o maior critério da verdade, deixando de lado as questões relacionadas à reflexão, favorecendo o anti-intelectualismo, na qual buscam reduzir Deus a uma experiência subjetiva, acima da verdade revelada.

O ensinamento bíblico demonstra que Deus, sendo racional, criou o ser humano à Sua imagem. O homem racional, portanto, denota que uma das mais nobres características da semelhança divina é justamente a de pensar, além do que a revelação divina é também uma revelação racional. Negar nossa racionalidade é, portanto, negar nossa humanidade, demonstrado pela própria Bíblia através de Salmos 32,9 “Não sejam como o cavalo ou o burro, que não tem entendimento”.¹⁵

5. CETICISMO

O Dicionário da Língua Portuguesa¹⁶ assim define o ceticismo: como uma corrente cética surgida na antiga filosofia grega que punha em dúvida a validade de nossos conhecimentos relativos ao mundo exterior e à verdade, sendo uma doutrina segundo a qual o espírito humano não pode atingir nenhuma certeza a respeito da verdade, o que resulta em um procedimento intelectual de dúvida permanente.

É a doutrina do constante questionamento, que teve sua origem através de Pirro, no século IV a.C, que apesar de não ter deixado nenhum escrito filosófico sobre tal assunto, demonstrou uma profunda disposição para a filosofia. Pirro deixou como discípulo Tímon, que gerou algumas obras escritas.

Como corrente doutrinária, o ceticismo aponta que não é possível comprovar a verdade absoluta de nada, sendo fundamental os constantes questionamentos, principalmente em relação aos fenômenos metafísicos, religiosos e dogmáticos.

Com o tempo, o ceticismo se desdobrou em duas vertentes, o ceticismo filosófico, que buscou ampliar as perspectivas teóricas, combatendo verdades absolutas e mentiras, dedicando-se a examinar de forma crítica a percepção sobre a verdade, e o ceticismo científico, cujos adeptos, baseados nos métodos científicos, acentuam a importância da evidência empírica.

¹⁵ STOT, John. Cristianismo Equilibrado. São Paulo/SP, CPAD, p. 6, 1975.

¹⁶ HOUAISS, [et. al]. Dicionário da língua portuguesa. Ed. Objetiva, Rio de Janeiro, 2001.



O ceticismo moderno surge no século XVI, com a reaparição do conhecimento, alavancado principalmente pelas publicações das obras de Sexto Empírico, em um contexto no qual o conhecimento religioso fora colocado em questão, através da Reforma e Contrarreforma.

Destaca-se, nesse período, como a apresentação de maior proeminência a de Montaigne, que suscitou dúvidas sobre a tradição intelectual, estabelecendo um ceticismo geral contra toda a possibilidade de existir qualquer sistema de dúvidas que não pudesse ser colocado em dúvidas.

6. FUNDAMENTALISMO

A *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*¹⁷ define fundamentalismo como um movimento em contraste com o liberalismo, sendo um protesto teológico e religioso do pós-guerra, que teve como propósito fazer oposição às tendências liberais nas escolas religiosas.

Nicodemus¹⁸ aponta que a melhor maneira de compreender a origem do tema fundamentalista é entender o crescimento do liberalismo teológico radical nas principais denominações históricas dos Estados Unidos no final do século XIX e século XX, possuindo em seu âmago uma revolta contra o poder da religião institucionalizada e contra a religião em moral.

O nome fundamentalismo surgiu para se referir aos envolvidos, que eram conservadores americanos, em busca de defender a fé cristã da intrusão do liberalismo em seus seminários e igrejas, e foi assim escolhido pois os conservadores acusavam que o liberalismo atacava doutrinas fundamentais do cristianismo.

Para Nicodemus¹⁹, os principais pontos defendidos pelos fundamentalistas são destacados a seguir:

- A inspiração, infalibilidade e inerrância das Escrituras, reagindo contra os ataques do liberalismo que considerava que a Bíblia estava cheia de erros de todos os tipos.
- A divindade de Cristo – também negada pelos liberais, que insistiam que Jesus era apenas um homem divinizado.
- O nascimento virginal de Cristo e os milagres – para o liberalismo, milagres nunca existiram: eram construções mitológicas da Igreja primitiva.
- O sacrifício propiciatório de Cristo – para os liberais, Cristo havia morrido somente para dar o exemplo, nunca pelos pecados de ninguém.
- Sua ressurreição literal e física e seu retorno – ambas as doutrinas eram negadas pelos liberais, que as consideravam como invenção mitológica da mente criativa dos primeiros cristãos.

7. ARGUMENTAÇÃO TEOLÓGICA

¹⁷ CHAMPLIN, Russel Norman. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. Volume 2. 9ª ed., São Paulo, Hagnos, 2008.

¹⁸ NICODEMUS, Augustus. *Série de Cadernos Bíblicos*. Recife, p. 5, 2002.

¹⁹ NICODEMUS, Augustus. *Série de Cadernos Bíblicos*. Recife, p. 16, 2002.



A crença em Deus é motivo de debate ao longo da história, em que pessoas extremamente inteligentes defendem ambos os lados da disputa. Vários são os argumentos dos pensadores que se levantaram expondo seus pontos de vista, em que crer em Deus é algo irracional e ilógico.²⁰

O presente trabalho não se dedicará a explorar os argumentos a favor ou não da existência em Deus. Partindo, contudo, do pressuposto da crença em Deus, abordará a necessidade da união entre fé e razão, trabalhando argumentos que demonstrem a necessidade de ambas.

7.1 ARGUMENTOS FAVORÁVEIS À FÉ

Para um cristão, não há nada mais importante do que a fé. Contudo, afinal o que é a fé? A definição bíblica, conforme aponta Hebreus 11,1, diz que a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que não se veem. Além disso, a fé um dom de Deus, conforme destacado em Efésios 2,8.

A fé é algo que dá substância às realidades invisíveis em nosso consciente. A fé consubstancia o mundo eterno e invisível para nós, trazendo até nós as suas realidades, como se ele realmente se fizesse presente, embora continue ausente. A fé é o meio que dispomos para ver, aceitar e aplicar o mundo invisível, é o meio através do qual vivemos segundo as dimensões eternas. Portanto, a fé é mais do que certeza. Este é um dos resultados da fé, temos certeza e convicção sobre o mundo espiritual e suas exigências, a nós impostas; e isso nos vem pela fé; mas a fé nos traz essa realidade, que fica consubstanciada, ao passo que, para outras pessoas, tal realidade permanece uma teoria, ou mesmo um sonho louco.²¹

O cristão tem, na Bíblia, a sua regra de fé e prática, a qual, em nenhum momento, argumenta a respeito da existência de Deus, mas em toda a parte assume sua existência como um fato aceito.

A fé é obediência. Conforme RATZINGER²², obediência significa que nós redescobrimos a imagem essencial do nosso ser, reconhecendo a relação de responsabilidade como forma fundamental da vida.

Champlin diferencia os tipos de fé da seguinte maneira: a fé objetiva define em que se crê, o sistema de princípios religiosos como é o caso do cristianismo, enquanto que a fé subjetiva é o exercício da fé, a crença ativa, a dependência a Cristo.²³

Ao depositar sua fé nos escritos registrados na Bíblia, os cristãos começam a buscar o sentido de sua vida, bem como respostas para todas as situações e dilemas vivenciados. A busca por respostas é ampla e ao mesmo tempo complexa, pois envolve uma gama de assuntos muito

²⁰ STREFLING, Sérgio Ricardo. O argumento ontológico de Santo Anselmo. 2ª Ed., Porto Alegre/RS, Edipucrs, 1993.

²¹ CHAMPLIN, Russel Norman. Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia. Volume 2. 9ª ed., São Paulo, Hagnos, p. 697, 2008.

²² RATZINGER, Joseph. Ser cristão na era neopagã, Volume II. Campinas/SP, Ecclesiae, p. 15, 2015.

²³ CHAMPLIN, Russel Norman. Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia. Volume 2. 9ª ed., São Paulo, Hagnos, p. 692, 2008.



ampla, que englobam desde acontecimentos do cotidiano como indagações mais abrangentes, como por exemplo, como todas as coisas vieram a existir.

Côncio de sua limitação humana, o cristão acredita piamente que todas as situações que permeiam sua vida estejam no controle do Criador, sejam elas adversas, sejam de bonança.

Para fatos em que há não há uma explicação lógica, o fiel busca histórias semelhantes à sua nos registros bíblicos, e por vezes, tem a tendência de ignorar realidades naturais, em benefício de sua fé.

Dessa forma, a fé é uma certeza concreta, que ultrapassa barreiras e dá força e ânimo ao ser humano para permanecer firme em sua caminhada e não sucumbir diante das adversidades da vida.

Os objetos da fé são: o mundo eterno, Deus, Cristo, as Escrituras, o evangelho e as promessas de Deus, elementos tais que produzem esperança nos crentes. Consequentemente, os benefícios da fé são destacados, como: a fé ajuda a alma a esperar em Deus e outorga consolo em meio aos temores; torna possível levar cargas maiores; ajuda quando o cristão se sente desanimado; exibe maior excelência nas coisas que não se veem do que naquelas que são visíveis; torna os caminhos de Deus agradáveis e admiráveis.

7.2 ARGUMENTOS FAVORÁVEIS À RAZÃO

A razão leva o cristão a não se render ao sentimentalismo imaturo, tampouco exaltar a mente em detrimento da fé, mas possibilita um caminho equilibrado, na qual a experiência não é absolutizada, e a reflexão é exercitada.

Ela não deve provocar um cristianismo intelectual, frio e apático, mas sim dar suporte para o indivíduo amadurecer sua fé e contribuir para o crescimento dela.

Comprometimento sem reflexão é fanatismo em ação; reflexão sem comprometimento é a paralisia de toda ação.²⁴ O pragmatismo estabelecido pelo mundo moderno tende a levar as pessoas a agir, sem de fato refletir pela causa, não avaliando se a ação é a melhor a ser seguida.

Diante disso, a utilização da razão é necessária para corrigir rumos, norteando a caminhada dos cristãos.

Outra questão que deve ser analisada pormenorizadamente são os grupos que fazem da experiência o maior critério da verdade. Ao agir dessa forma, as questões relacionadas à validade do que de fato se busca são deixadas de lado e a verdade revelada é subjetivada. Essa ênfase empobrece o cristianismo e favorece o anti-intelectualismo, pois como uma experiência pode e deve ser válida, sem critérios objetivos e concretos?

Para Kant²⁵, não resta dúvida que todo nosso conhecimento começa pela experiência, pois que outra coisa poderia despertar e pôr em ação nossa capacidade de conhecer, senão os objetos que afetam os sentidos? Nenhum conhecimento precede em nós a experiência, e é com esta que todo o conhecimento tem seu início.

²⁴ STOT, John. Crer é também pensar. São Paulo/SP, ABU Editora, p. 14, 2012.

²⁵ KANT, Immanuel. Crítica da razão pura. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa, p. 62, 2001.



No entanto, continua Kant²⁶, há um conhecimento, independente da experiência e de todas as impressões dos sentidos, distinguindo-se do empírico.

É verdade que a experiência não pode produzir uma universalidade verdadeira e rigorosa, mas apenas suposta e comparativa, por indução²⁷.

A fé em Deus transcende os limites da experiência possível, e a razão, através de seus esforços, desdobrar-se-á através de critérios objetivos para verificar a veracidade de tal acontecimento, provocando a reflexão, antes de reprodução, sem raciocinar.

Outro fator pelo qual a razão é importante é porque o cristianismo é uma religião revelada.

Se há uma religião no mundo que exalta o ofício do ensino, seguramente é a religião de Jesus Cristo. Tem sido frequentemente enfatizado que nas religiões pagãs o elemento doutrinal é mínimo – o mais importante nelas é a realização do ritual. É precisamente nesse ponto que o cristianismo se difere das outras religiões – ele contém uma doutrina. Ele chega até o homem com ensinamentos definidos e positivos; ele alega ser a verdade; ele baseia a religião no conhecimento, mas em um conhecimento que só é obtido sob condições morais. No decorrer da história da igreja, uma religião divorciada da reflexão e do pensamento profundo tem tendido a ser fraca, imatura e nociva, enquanto o intelecto, desprovido de lugar junto à religião, tem buscado satisfação sem ela e se transformado em um racionalismo iconoclasta²⁸.

Por isso, a doutrina cristã da revelação faz com que a mente humana seja indispensável, pois Deus se faz conhecer, através de uma revelação racional para criaturas racionais, e nosso dever é nos submeter a ela e relacioná-la com o mundo no qual vivemos.

CONCLUSÃO

O objetivo neste trabalho foi o de demonstrar a necessidade da unidade entre fé e razão, que podem e devem caminhar juntas, pois não se opõem. O objeto referencial foi o cristianismo, que é uma religião apoiada na fé e razão, pois a razão não é carismática, ou racionalista, mas uma razão guiada pela fé, sendo essa fé uma resposta do ser humano a Deus que se revela. A fé coroa a razão, e sem ela a razão nada é, assim como a graça supera a natureza, mas não a destrói ou ignora. Nosso trabalho não se propôs a defender que o ceticismo seja de todo ruim em si mesmo, mas que a absolutização da razão pode desencadear em um ceticismo que ignora elementos fundamentais da fé. Em contrapartida, o discurso da fé sem a consideração da razão pode produzir práticas religiosas fundamentalistas.

A verdadeira fé é essencialmente racional, pois ela confia nas promessas e no caráter de Deus e, por isso, um cristão que crê é alguém cuja mente reflete e descansa nessas certezas. Fé e raciocínio podem e devem caminhar juntos, crer é impossível sem pensar.

Através encíclica do Papa João Paulo II *Fides et Ratio* (Fé e Razão) é possível verificar que “A fé e a razão constituem como que as duas asas pelos quais o espírito humano se eleva à contemplação da verdade”. Diante disso, é possível verificar a capacidade humana de conhecer a

²⁶ Idem, p. 63.

²⁷ Ibidem, p. 64.

²⁸ STOT, John. Crer é também pensar. São Paulo/SP, ABU Editora, p. 34, 2012.



verdade e a realidade da fé, que vem ao ser humano, depois da revelação, e que ao longo do tempo deve encontrar uma unidade perfeita com a razão.

Podemos dizer que se a razão no seu discurso considerar sua limitação de investigação e compreensão de determinados aspectos da realidade e de valores necessários à existência e se, com isso, abrir-se à fé, o ceticismo que nega a realidade do não visto ou comprovado, de uma verdade absoluta, portanto da existência divina, não encontra espaço de acolhimento. O mesmo podemos afirmar sobre o fundamentalismo. Como este se expressa mais no ambiente religioso, quer seja no discurso como nas atitudes de grupos religiosos, na construção do discurso sobre a fé, a razão deve ser considerada e acolhida para que o mesmo seja superado na teoria e na prática. Portanto, é fundamental a unidade entre fé e razão para superar o ceticismo e o fundamentalismo.

BIBLIOGRAFIA

- BATISTA, William José. **Memória da Ausência**. Rio de Janeiro, Letra Capital, 2011.
- BENTO XVI, Papa. **Fé, razão e universidade: Recordações e reflexões**. Aula Magna da Universidade de Regensburg, Terça-feira, 12 de Setembro de 2006. Disponível em: <<w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/september/documents/hf_ben-xvi_spe_20060912_university-regensburg.html>> Acesso em 26 set. 2015.
- CHAMPLIN, Russel Norman. **Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia. Volume 2**. 9ª ed., São Paulo, Hagnos, 2008.
- CNBB/ Carta Encíclica do Papa Francisco. **Lumem Fidei**. Brasília, Edições CNBB, 2013.
- FERRATER MORA, Jose. **Dicionário de Filosofia**. 2ª ed., São Paulo, Edições Loyola, 2001.
- HOUAISS, [et. al]. **Dicionário da língua portuguesa**. Ed. Objetiva, Rio de Janeiro, 2001
- KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa, 2001.
- LACOSTE, Jean Yves. **Dicionário Crítico de Teologia**. São Paulo, Edições Loyola, 2004.
- LÉON-DUFOUR, Xavier. **Vocabulário de Teologia Bíblica**. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1972.
- LIBANIO, João Batista. **Fé**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 2004.
- NICODEMUS, Augustus. **Série de Cadernos Bíblicos**. Recife, 2002.
- OLIVEIRA, Altamar. **Compêndio de Teologia e Religião**. São Paulo, Clube de Autores, 2010.
- POBLACIÓN, Dinah Aguiar [et. al.], Cotia/ SP, Ateliê Editorial, 2011.
- RATZINGER, Joseph. **Ser cristão na era neopagã, Volume I**. Campinas/SP, Ecclesiae, 2015.
- _____. **Ser cristão na era neopagã, Volume II**. Campinas/SP, Ecclesiae, 2015.
- STOT, John. **Crer é também pensar**. São Paulo/SP, ABU Editora, 2012.
- _____. **Cristianismo Equilibrado**. São Paulo/SP, CPAD, 1975.
- STREFLING, Sérgio Ricardo. **O argumento ontológico de Santo Anselmo**. 2ª Ed., Porto Alegre/RS, Edipucrs, 1993.
- VÁRIOS AUTORES. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo, Paulus, 2005
- ZILLES, Urbano. **A Modernidade e a Igreja**. Porto Alegre/RS, Edipucrs, 1993.